

ARTIGO

História trans em transperspectiva: fotografia, memória e transancestralidade

Natan Meneguzzi Hejazi¹

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil. E-mail: natimeneguzzi5@gmail.com.

RESUMO

O presente artigo analisa o projeto *ser trans*, idealizado pelo artista visual e fotógrafo Gabz404, a partir de uma transperspectiva fundamentada nas epistemologias trans e na noção de transancestralidade. O estudo parte da compreensão de que as representações de pessoas trans na história da arte e nos discursos acadêmicos foram, historicamente, produzidas por olhares cisgêneros, frequentemente marcados pela patologização, exotização e invisibilização dessas existências. Diante desse contexto, a pesquisa busca responder de que maneira o projeto *ser trans* contribui para a (re)construção de uma memória coletiva transbrasileira por meio do retrato fotográfico, através de revisão bibliográfica articulada à realização de entrevista semiestruturada, com o artista responsável pelo projeto. Os resultados evidenciam que o projeto constitui um importante arquivo artístico-documental produzido por pessoas trans sobre suas próprias experiências, deslocando essas subjetividades da posição de objeto para a de sujeito da representação. Assim, conclui-se que *ser trans* amplia os regimes de visibilidade das identidades trans, rompe com narrativas centradas exclusivamente na violência e reafirma a fotografia como instrumento de preservação da memória, produção de conhecimento e resistência política, contribuindo para a renovação da História da Arte brasileira a partir de perspectivas transcêntricas.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia; Transgeneridade; História da Arte no Brasil.

Historia trans en transperspectiva: fotografia, memoria y transancestralidad

RESUMEN

El presente artículo analiza el proyecto *ser trans*, concebido por el artista visual y fotógrafo Gabz404, desde una transperspectiva fundamentada en las epistemologías trans y en la noción de transancestralidad. El estudio parte de la comprensión de que las representaciones de las personas trans en la historia del arte y en los discursos académicos han sido, históricamente, producidas desde miradas cisgénero, frecuentemente marcadas por la patologización, la exotización y la invisibilización de estas existencias. En este contexto, la investigación busca responder de qué manera el proyecto *ser trans* contribuye a la (re)construcción de una memoria colectiva transbrasileña a través del retrato fotográfico, mediante una revisión bibliográfica articulada con la realización de una entrevista semiestructurada al artista responsable del proyecto. Los resultados evidencian que el proyecto constituye un importante archivo artístico-documental producido por personas trans sobre sus propias experiencias, desplazando estas subjetividades de la posición de objeto a la de sujeto de la representación. En consecuencia, se concluye que *ser trans* amplía los regímenes de visibilidad de las identidades trans, rompe con narrativas centradas exclusivamente en la violencia y reafirma la fotografía como un instrumento de preservación de la memoria, producción de conocimiento y resistencia política, contribuyendo a la renovación de la Historia del Arte brasileña desde perspectivas transculturadas.

PALABRAS CLAVE: Fotografía; Transgeneridad; Historia del Arte en Brasil.

1 INTRODUÇÃO

Escrevo esse artigo a partir de uma *transperspectiva*. Eu, como uma pessoa transmasculina escrevendo sobre outras pessoas trans, inicio essa escrita na primeira pessoa com o intuito de reivindicar um lugar de sujeito que nos foi e é, historicamente, negado pelo meio acadêmico. Sou, ao mesmo tempo, sujeito e objeto da minha própria escrita. Dito isso, apresento o seguinte artigo como uma possibilidade de análise do projeto *ser trans* contextualizado por uma transancestralidade que considera as vozes, rostos e nomes que, de algum modo, estão presentes neste projeto. Projeto que é, além de objeto artístico, a construção de uma memória coletiva transbrasileira. Entendo e defendo, aqui, a ideia de uma arte indissociável da história, e de uma escrita acadêmica que não é, nem nunca foi, neutra. Ressalto este ponto para explicar, a quem lê, o modo como entendo a ciência e a produção científica: modo implicado que não é menos rigoroso do que outros modos, já que as minhas experiências e aproximações com o objeto investigado aprofundam, situam e delimitam a pesquisa. Assim,

proponho a escrita de um breve artigo que visa responder a seguinte problemática: como (re)construir uma memória coletiva *transbrasiliana*? , considerando o fato de que esta sofre historicamente tentativas de ser omitida da história canônica do Brasil. Para isso, utilizo como estudo de caso o projeto *ser trans*, que entendo apontar algumas respostas a essa questão através do retrato fotográfico. Dentro desse contexto, o objeto de estudo é investigado através de um referencial teórico que prioriza as epistemologias trans, além de agregar ao quadro teórico a própria voz trans do autor do projeto, com a realização de entrevista.

2 EPISTEMOLOGIAS TRANS

O *Manifesto Travecto-Terrorista* de Tertuliana Lustosa (2016, p.395) explica que “enquanto o *queer* desfaz gênero na teoria, a travesti desfaz gênero na prática.” Muito antes da teoria *queer* (BUTLER, 1990) adentrar na academia brasileira, pessoas *cuir* (MOMBAÇA, 2017) já construíam e desconstruíam gênero nas ruas do Brasil afora, travestilizando diferentes formas de existência e resistência. Como uma proposta de escrita dessa história invisibilizada, a trans ativista Caia Maria¹ apresenta uma breve linha do tempo do movimento travesti e trans no Brasil;² considerando marcos como o ano de 1968, em que ocorre um primeiro “movimento de protesto travesti”, onde 10 travestis se articularam, em Niterói (RJ), contra a prisão de 35 outras travestis que quiseram realizar o primeiro Congresso Nacional de Bonecas. Naquele ano, iniciativas semelhantes foram censuradas em João Pessoa e em Fortaleza, onde 14 “bonecas” foram presas por defender o homossexualismo³ em praça pública.

A autora também transpassa pelas décadas de 1970 e 1980, onde as iniciativas de articulação de travestis são censuradas pela ditadura militar, tomando como exemplo a proibição do Congresso Nacional de Bonecas do Nordeste, em Pernambuco, e na Bahia (s.d), e diversos transfeminicídios impulsionados pela Operação Tarântula⁷² (**Figura 1**).

Figura 1: Travesti de identidade desconhecida sendo agredida durante repressão policial no Brasil, c.1970. (2019)

¹ **Caia Maria** é vice coordenadora da Nova Associação de Travestis e Pessoas Trans de Pernambuco (NATRAPE), diretora de comunicação da Rede Brasileira de Pessoas Intersexo e conselheira técnico-científica da Associação Brasileira de Estudos da Trans- Homocultura (ABETH Brasil) e do Centro de Pesquisa Transfeminista. Fonte: Rede social da ativista. Acesso em: [instagram/caiacaiacaia](https://www.instagram.com/caiacaiacaia)

² Todas as informações foram retiradas da rede social da ativista na plataforma Instagram. Acesso em: [instagram/caiacaiacaia](https://www.instagram.com/caiacaiacaia)

³ Atualmente, o termo “homossexualismo” não é mais utilizado por o sufixo “ismo” estar vinculado a uma ideia de patologização, sendo mais adequada a utilização do termo homossexualidade.



Fonte: Jornal virtual Esquerda Online

Acesso em <https://esquerdaonline.com.br/2019/03/31/a-caca-as-travestis-na-ditadura-militar/>

Na década de 1990, considerando a abertura política do período, é fundada a primeira organização social-política das travestis e pessoas trans no Brasil, chamada ASTRAL⁴. É no fim do século que também surgem as importantes Paradas do Orgulho e o início dos atos do ENTLAIDS (Encontro Nacional de Travestis e Liberados que Atuam na Prevenção da Aids), que reuniu 250 travestis na cidade do Rio de Janeiro em 1996. Por fim, as décadas de 2000 e 2010 são marcadas pela proliferação de atos públicos LGBTQIA+ em prol de direitos ainda não garantidos, como as passeatas do ENTLAIDS; protestos para demandar rigor e continuidade nas investigações dos assassinatos; luta por políticas afirmativas como o *Vagão Rosa*,⁵ atos contra a expulsão de banheiros públicos; ações em resistência à transfobia na *Parada Gay* e eventos *transfeministas*.⁶

⁴ Em 1992 com a fundação da Associação de Travestis e Liberados – ASTRAL, no Rio de Janeiro, já se imaginava a estratégia de atuar mais ativamente no cenário nacional e como as fontes e recursos eram poucos e de difícil acesso pela maioria das ONG existentes no Brasil naquele período e, também pela crescente onda de violências e falta de acesso aos serviços de saúde foi lançada a ideia de realizar um encontro nacional que viesse agregar a população de travestis e transexuais que estavam pelo Brasil afora na sua grande maioria atuando nas organizações mistas de Gays e Lésbicas. Esse primeiro encontro objetivava mapear e empoderar essas ativistas para atuar nas questões de segurança pública e saúde, destaca-se que nesse período todas as ações em saúde para essa população ainda eram vistas somente a partir da perspectiva da epidemia de Aids, então quase a totalidade das ações eram desenvolvidas pelos programas existentes nos estados e municípios que vale destacar não eram muitos nesse período. Fonte: Associação Nacional de Travestis e Transsexuais (ANTRA). Acesso em: <https://antrabrasil.org/historia/>

⁵ Nos trens e metrô, os denominados “vagões rosa” correspondem a parte do veículo que é destinado apenas para a utilização de mulheres e/ou crianças assistidas por adultas, e também funcionam, normalmente, em horário de pico. Fonte: Associação Nacional de Transportes Públicos (ANTP). Acesso em: <https://files.antp.org.br/2019/4/10/rtp151-3.pdf>

⁶ **Transfeminismo** é um termo cunhado pela teórica e ativista travesti Leticia Nascimento. No livro

A linha do tempo, apresentada nos parágrafos acima, é uma proposta de reconstituição da história trans brasileira semelhante à que Gabz 404 propõe, através da fotografia no projeto *ser trans*. Ambas utilizando de *epistemologias trans*, que podem ser compreendidas como um campo de produção de conhecimento que parte das experiências, vivências, saberes e perspectivas de pessoas trans, para questionar os modos tradicionais de produção do conhecimento. Mais do que um conjunto de teorias sobre pessoas trans, trata-se de uma forma de conhecer o mundo a partir de sujeitos historicamente marginalizados pelas instituições científicas, educacionais e sociais. Nesse sentido, elas criticam a pretensão de neutralidade do conhecimento moderno, evidenciando que a ciência e a academia foram construídas, em grande medida, a partir de perspectivas cisgêneras, brancas, masculinas e heteronormativas. Ao reivindicar a legitimidade dos saberes produzidos por pessoas trans, essas epistemologias desafiam os regimes de verdade que historicamente patologizaram, invisibilizaram ou silenciaram suas experiências.

3 TRANSCENTRAR ATRAVÉS DA ARTE

Jota Mombaça sugere, em seu *Pode um cu mestiço falar?* (2015), que, ao invés de nos perguntarmos se “pode ou não o subalterno falar”, conforme Spivak (1988), passemos a invocar a pergunta: “o que ocorre quando umx subalternx fala?”. O projeto *ser trans*⁷, enquanto fala dessa *transsubalternidade*, surge não só como uma forma de reapropriação da memória transgênera pelo viés artístico-documental, mas também como uma resposta a essa provocação (Figura 2).

Figura 2: Imagem de divulgação do projeto *ser trans* (2020)

Transfeminismo (2021), a autora apresenta, através de uma linguagem acessível e didática, explicações acerca dos conceitos de gênero, transgeneridade, mulheridade, feminilidade e feminismo, mostrando como cada vez mais é necessário que as pessoas estejam abertas às diversas existências que não necessariamente se encaixam na organização binária e cisgênera do mundo.

⁷ O nome do projeto é escrito sempre em letras minúsculas, conforme explicado em entrevista realizada com o artista Gabz404.



Fonte: Acervo virtual do projeto *ser trans*

Acesso em <https://gabz404.com/apoie-support>

Idealizado em 2020 por Gabz404, o projeto *ser trans* “celebra e enaltece a beleza de pessoas trans, não-binárias e travestis, abrindo espaço para que possam ser protagonistas das suas próprias histórias”⁸. Além de ter sido idealizado por uma pessoa dissidente de gênero, *ser trans* já trouxe em sua equipe a artista visual travesti Luka Machado, o historiador negro transmasculino Morgan Lemes e o artista autônomo transmasculino Lau Graef. A expansão do projeto, que inicialmente dependia somente de financiamento coletivo, passa a ser possível graças ao recurso vindo do edital *Eu Sou Respeito*, promovido pelo Ministério Público com a multa paga pelo Santander Cultural devido à censura contra a Exposição *Queermuseu – Cartografias da Diferença na Arte Brasileira*, em 2017.⁹ É somente após ser contemplado pelo Edital que, em 2021, a equipe passa a viajar pelo interior do Rio Grande do Sul, visitando as cidades de Bagé, Bento Gonçalves, Capão do Leão, Caxias do Sul, Santa Cruz do Sul, Santa Maria e Rio Grande.

Além de servir como exemplo da provocação de Jota Mombaça, o projeto representa uma materialização da situação proposta por Donna Haraway (1995), quando aponta que o “clássico dualismo ‘pesquisadora’ e ‘objeto da pesquisa’ passam por uma reorganização, ou posicionamento”, ao ser idealizado e administrado somente por pessoas trans. A principal plataforma do *ser trans* consiste em um blog com um acervo virtual de retratos intercalados com entrevistas transcritas, dividido, até então, em 37 ensaios intitulados com o nome de cada pessoa transgênera participante, um manifesto escrito e uma campanha de financiamento

⁸ Trecho retirado do texto de apresentação do projeto. Acesso em: <https://gabz404.com/apoie-support>

⁹ “Queermuseu: Cartografias da Diferença na Arte Brasileira” foi cercada de polêmica após seu fechamento às pressas, em setembro do ano passado, pelo Santander Cultural, em Porto Alegre, respondendo a fortes críticas de grupos que viram nas obras apologia à pedofilia, zoofilia e blasfêmia. Fonte: BBC News Brasil. Acesso em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45191250>

coletivo. O acervo do projeto *ser trans* já foi apresentado em exposições coletivas e em uma exposição individual, além de apresentar fotografias impressas e à venda em formato de *zines*¹⁰ (Figura 3).

Figura 3: Fotografia digital de zines do projeto *ser trans* (2020)



Fonte: Acervo Austral

Acesso em: <https://austral.ink/ser-trans>

Conforme Martin Parr e Gerry Badge em *The Photobook: A History* (2014, p. 7, tradução própria),

[...] a publicação de livros no século XXI representa uma área diversificada e extremamente ativa da criatividade fotográfica. As novas tecnologias digitais de captura, tratamento, impressão e distribuição de imagens transformaram os métodos tradicionais de publicação e deram novo impulso à auto publicação e à distribuição feita pelos próprios artistas.

As *zines* do projeto *ser trans* refletem esse contexto contemporâneo de publicação independente, de poucos recursos, e com grande autonomia do próprio artista, que acaba realizando uma escolha curatorial de sua própria obra. Com uma divisão cronológica, Gabz404 publica os ensaios junto às suas respectivas entrevistas transcritas divididas em três *zines*¹¹, as quais ocasionalmente são expostas e vendidas em feiras de arte independentes, verba destinada ao desenvolvimento do projeto. Entre os dias 14 de março e 29 de abril de 2023, o Espaço Força e Luz (Porto Alegre)

¹⁰ Uma/um zine é um trabalho auto publicado de pequena circulação de textos e imagens originais ou apropriados, geralmente reproduzidos por meio de uma máquina copiadora. Os zines são o produto de uma única pessoa ou de um grupo muito pequeno, e são popularmente fotocopiados em impressos físicos para circulação.

Acesso em: <https://aestranhamente.com/o-que-e-um-zine-e-porque-voce-deve-ficar-de-olho/>

¹¹ Desde 2023, as *zines* fazem parte do acervo do Instituto Moreira Salles (IMS), mesma instituição responsável pelo acervo das obras de Madalena Schwartz.

recebeu a exposição *ser trans: (des)identidades e impermanência*, primeira exposição individual de Gabz404, com curadoria feita a partir do acervo do projeto (Figura 4).¹²

Figura 4: Cartaz da exposição *ser trans: (des)identidades e impermanência* (2024)



Fonte: Site da instituição

Acesso em <https://www.eflcultural.org.br/post/exposi%C3%A7%C3%A3o-ser-trans-des-identidades-e-imperman%C3%Aancia>

Conforme o texto curatorial do artista-curador Gabz404, a exposição “[...] procura tensionar a questão: quem tem direito a ter suas identidades e memórias preservadas?”, utilizando para isso de retratos fotográficos impressos em papel e “[...] trechos de entrevistas impressas e coladas em lambe-lambe na parede, forçando a aderência da materialidade e sua posterior destruição”. Essa exposição, que contou também com performances da cena *ballroom*¹³ de Porto Alegre em seu encerramento, me marcou profundamente por ter presenciado, pela primeira vez em Porto Alegre, um evento artístico inteiramente

¹² A exposição, que esteve em cartaz de 14 de março a 29 de abril de 2023, ocorreu conforme edital de chamada aberta e disponibilizou diversas atividades complementares e abertas ao público. Uma das atividades disponibilizadas foi o workshop “Fotografia do Banal”, destinada à comunidade LGBTQIAP+, ministrada pelos artistas Gabz 404 e Esteve Maris (convidado), que tinha como objetivo estimular a sensibilidade do olhar dos participantes através de fotografias feitas com o próprio celular. O Núcleo Educativo da instituição ofereceu também uma visita guiada com o artista Gabz404; uma mediação/oficina “Retratos a partir do desenho e da autodescrição”, desenvolvida pelos mediadores Lai Borges e Gabriel Pagliarin, e encerrou seu período de exibição com o evento de dança vogue “Dance Ball”, que promove a cultura ballroom e foi produzido pela House of Permission, House of Cabal, através da produtora cultural Isa Blame. Acesso em <https://www.eflcultural.org.br/post/exposi%C3%A7%C3%A3o-ser-trans-des-identidades-e-imperman%C3%Aancia>

¹³ Preta, latina e LGBTQIA+ a Cultura Ballroom é, em sua pura existência, um movimento político que celebra a diversidade de gênero, sexualidade e raça. Mesmo sendo marginalizada também pela mídia, é possível perceber que a cultura (ou parte dela) tem sido inserida em alguns contextos artísticos.

Fonte: Cultura Ballroom. Acesso em: <https://houseofraabe.alboompro.com/post/46681-culturaballroom>

*transcentrado*¹⁴. No dia 16/11/23, realizei uma entrevista¹⁵ com Gabz404 acerca do projeto *ser trans*, e de sua trajetória enquanto artista visual. O artista, conforme apresentado por ele mesmo no começo da entrevista, utiliza o nome de Gabrielle e tem como nome artístico Gabz404, utilizando como apelido o nome Gabz. Assim como Madalena Schwartz, teve o primeiro contato com a fotografia através de outros meios, recebendo uma introdução à técnica fotográfica ao estudar um semestre de direção cinematográfica na Escola de Cinema Darcy Ribeiro (Rio de Janeiro, RJ). A partir desse primeiro contato, Gabz404 segue em estudos autônomos e não acadêmicos e conta que

[...] comecei a ter contato com a fotografia em 2018, 2019, que foi quando eu morava no Rio [de Janeiro]. Trabalhava com *design*, mas parece que faltava alguma coisa, assim, eu não tava completamente feliz, eu acho, com como que a minha vida tava levando, sabe, e daí enfim, Rio de Janeiro, né? Acabei tendo contato com uma pessoa que trabalhava com cinema e me interessei muito por direção cinematográfica. Queria trabalhar com videoclipe, e a partir disso eu comprei uma câmera usada de uma amiga, comecei a fazer uns videozinhos, assim, levar a câmera pro rolê... era uma *Canon T6i Rebel*. E foi minha câmera por muito tempo, até esse ano. Muitas das fotos que eu fiz... A maioria das fotos que eu fiz, na real, foi com essa câmera. É uma câmera de entrada, foi um valor baixo para uma câmera, foi um valor super baixo, assim, acho que foi R\$2.000, sei lá, ou assim que eu paguei, porque era usada, com uma lente de 50mm. Foi isso que eu tive por muito tempo e que eu me arrisquei por muito tempo dizendo que eu era fotógrafo, [...] e aí eu comecei a curtir a fotografia tanto por uma questão de necessidade, quanto por uma questão de realmente gostar, assim, do diálogo que eu podia abrir com ele.

O diálogo aberto por Gabz404 através da linguagem fotográfica traz uma grande proximidade entre o mundo do fotógrafo e das pessoas retratadas, a qual é parte fundamental da ideia do projeto e visível em escolhas como do ângulo frontal da câmera (**Figura 5**).

Figura 5: Ensaio José Luiz/Lilly T (2021)

¹⁴ **Transcentrado** é um termo utilizado para referir-se a relações que ocorrem exclusivamente entre pessoas transgêneras. A exposição me reiterou o uso desse adjetivo quando tive a oportunidade de levar minhas alunas do Transenem, para uma visita guiada, com o artista Gabz também presente, no dia 28 de abril de 2023.

¹⁵ A entrevista foi realizada no Café Mal Assombrado (Centro Histórico, Porto Alegre), teve duração total de 1 hora e 15m, foi gravada em áudio de celular Motorola e transcrita na íntegra por mim.



Gabz404

Fonte: Acervo virtual do projeto *ser trans*Acesso em <https://gabz404.com/jose-luiz>

Sobre esse encontro entre mundo do fotógrafo e mundo da pessoa fotografada, ele conta que

[...] acho que minha maior inspiração sempre foi amigos, as pessoas próximas de mim, tanto que as primeiras coisas que eu fazia era no rolê, no meu rolê. Antes de fazer autorretratos, por exemplo, eu comecei a olhar para as pessoas que estavam ao redor de mim. Então eu acho que no início até foi uma briga minha comigo, que eu me sentia diminuído por não conhecer muito o meio e as artes e artistas, mas que ao longo do tempo eu comecei a buscar... hoje em dia eu conheço um pouco mais a área, conheço um pouco mais as pessoas, o movimento mais contemporâneo também no Brasil, de artes em geral.¹⁶

A partir dessa proximidade, Gabz404 reivindica o papel de artista visual - fotógrafo, explicando que “[...] na real ninguém me disse nunca que eu era fotógrafo, eu comecei a dizer que eu era fotógrafo porque eu entendi que se eu não falasse ninguém iria falar, sabe?”. Esse posicionamento fala bastante sobre o espaço, ou não espaço, de pessoas trans no mercado de trabalho, aprofundado por Gabz404 quando este explica o modo com que o projeto transpassa a sua trajetória pessoal:

[...] foi em 2019 que eu me percebi uma pessoa trans, eu fiquei muito... em um conflito muito grande interno, talvez externo também, achando que eu não poderia ser trans porque eu tinha quase 30 anos e eu com certeza saberia antes, e uns anos antes eu batia

¹⁶ Idem.

no peito que eu era mulher, então tipo como que eu podia ter feito aquilo?” Eu achava que para ser uma pessoa trans era uma linha, então eu tinha que ir de uma ponta da linha para outra ponta, e aí aos poucos eu fui entendendo que eu não precisava me entender um homem, porque o que eu vivi enquanto me identifiquei como mulher, não invalidou o que eu experieci hoje enquanto uma pessoa trans. E aí no final de 2019, início de 2020, enquanto eu também me entendi enquanto fotógrafo, enquanto eu também me entendi enquanto artista, e enquanto eu percebia que eu não tinha outras pessoas trans ao meu redor para conversar, eu meio que inventei que eu queria conversar com pessoas e fotografar elas. Porque eu não tava vendo uma representação ao meu redor, sabe, eu entendi que, por exemplo, quando eu tava esses momentos difíceis, que eu não conseguia conceber que eu podia ser uma pessoa trans, era porque sempre que eu pesquisava sobre transgeneridade tudo que eu encontrava em termos de imagem e palavras não cabia em mim, sabe? Eram fórmulas de como ser trans. E isso não existe, não existe fórmula! Só que eu demorei pra entender que não existia. Quando eu falava com pessoas trans eu ia entendendo que elas pensavam muito parecido comigo. A visualidade delas era muito mais parecida com a que eu me sentia, mesmo que fosse diferente de mim, mas tinha algo de real naquilo, sabe? Tinha algo de palpável, tinha algo de... de não precisar ter certeza o tempo inteiro, nem precisar ser um oposto. Acho que a transgeneridade, muitas vezes, é colocada como ser um oposto do que te disseram que tu deveria ser. [...] E aos poucos isso foi se transformando, foi crescendo o artista em mim, e eu podia explorar mais assim como eu tava explorando meu gênero e para além do gênero, assim como eu tava me permitindo *ser* acima de tudo, sabe? Me permitindo ser artista, me permitindo ser uma pessoa. E aí isso foi tomando muitas formas.

O projeto *ser trans* surge, portanto, com o objetivo de explorar outras formas de trazer a visualidade de pessoas trans, formas mais intimistas, que fujam dos estereótipos de fetichização e/ou violência com que essas pessoas geralmente são retratadas. No projeto *ser trans*, esse objetivo fica evidente através do eixo temático pelo qual Gabz404 resolve abordar as fotografias e entrevistas com as pessoas retratadas, dissertando sobre o fato de que, por mais que a população trans venha sendo historicamente atacada por diversos tipos de violência, ela não se limita somente ao tema da violência, tema melhor explanado pelo artista em trechos como

[...] uma das coisas que era muito importante desde o início pra mim era de não falar só sobre violência. Que eu acho que isso é uma coisa também que me incomodava quando eu pesquisava sobre pessoas trans, muitas vezes a história delas era só a violência e eu me dei conta que é porque quem estava editando esse material, sejam entrevistas, sejam entrevistas faladas, entrevistas transcritas, entrevistas em vídeo, imagens paradas, fotografia, quem estava por trás dessa edição, quem estava por trás da câmera, quem estava no *backstage* de tudo, era uma pessoa cis. Quem escolhe as notícias que são notícias, em geral, são pessoas cis! E é por isso que a gente só ouve falar de violência. Não que não seja importante falar, mas eu entendi que quando a gente resume pessoas trans só em violência, a gente não só perpetua esse caminho como se isso fosse a única possibilidade, como é claro que ninguém vai querer se perceber naquilo. É por isso que pra mim eu não queria me perceber uma pessoa trans, por isso pra mim foi tão difícil, porque quem é que quer se perceber assim, como uma pessoa que vai ser violentada?!¹⁷

¹⁷ Idem.

A utilização de luz natural é um dos fatores que ressaltam o tom intimista dos retratos do *ser trans*, e que dialoga com o objetivo de expandir as representações de pessoas trans para além da violência. Sobre essa técnica, Gabz404 comenta que

[...] eu não tinha dinheiro para investir na iluminação, sabe? Então eu trabalhava com o que eu tinha. Tinha uma câmera de entrada, uma lente de 50mm, eu tinha que trabalhar com luz natural e ponto final. Então muitas das coisas, das técnicas que eu usei, era porque meio que era o que eu tinha. Não que eu não pudesse, sei lá, pegar um abajur ou alguma coisa assim, mas tem algo que eu gosto da luz natural também, sabe? Tem algo que me chama, é claro que tem algo que me chama. Sempre gostei de uma luz de janela, aos poucos, quando eu fui entendendo mais sobre fotografia, eu entendi que quando uma luz é muito dura, é criada artificialmente com poucos recursos, né? Porque pra ter uma luz suave artificial, tu tem que ter mais recursos, e isso é bem caro! Algo que eu acredito ter me afastado muito da luz artificial, também, é que as imagens de violência, elas são normalmente retratadas com luz artificial. Com flash duro, com aquela luz de polícia, perícia, forte... eu gosto muito das pessoas se sentindo confortáveis sabe, eu não sei, acho que a luz dura pode causar o desconforto para quem está olhando, para quem está olhando uma fotografia, [...] e talvez a minha linguagem fotográfica seja, exatamente, a da linguagem fotográfica do conforto pra pessoa e pra mim. Se tá massa pra gente, tipo, as coisas vão se encaixar, sabe?¹⁸

Conforme Gabz404, essa proximidade dos retratos, ressaltada pela utilização da luz natural (**Figura 6**) e utilizando muitas vezes como cenário a casa des retratades (**Figura 7**) torna as fotografias bastante intimistas, quase como se estivéssemos fisicamente próximos das pessoas trans retratadas; proximidade que, seja na velocidade do mundo real ou no momento pausado entre lentes, pode incomodar, atrair, repelir, ou acolher.

Figura 6: Ensaio Rapo Oregui M'bya Guarani (2021)

¹⁸ Idem.



Gabz404

Fonte: Acervo virtual do projeto *ser trans* Acesso em: <https://gabz404.com/rapo-oregui>

Figura 7: Ensaio Zion Raphael Alves (2021)



Gabz404Fonte: Acervo virtual do projeto *ser trans* Acesso em <https://gabz404.com/zion-raphael>

3 REFLEXÕES FINAIS

Ainda que a história da fotografia no Brasil seja uma narrativa de mudança e continuidade, que reflete não apenas a evolução da própria fotografia como forma de arte e documentação, mas também as transformações sociais, culturais e tecnológicas que moldaram o Brasil ao longo dos séculos; esta é, também, uma história de apagamentos e silenciamentos.

Ao constatarmos que é bastante recente a inserção desses debates no ambiente

acadêmico, em paralelo à longa história de luta travesti por direitos sociais e políticos, é compreensível, mas não justificável, que sejam ainda mais recentes e superficiais as discussões sobre identidades de gênero dissidentes alinhadas à história da arte no Brasil. Considerando a fotografia como uma linguagem dentre muitas outras possíveis dentro do grande espectro que intitulamos “história da arte no Brasil”, o projeto *ser trans* não só fala sobre memória, como a resgata e reinventa. Em síntese, o projeto demonstra que a reconstrução de uma memória coletiva transbrasileira passa, necessariamente, pela transcentralização dos processos de produção de imagens, narrativas e conhecimentos. Ao deslocar pessoas trans da posição histórica de objetos de representação para a condição de sujeitos que produzem, registram e interpretam suas próprias experiências, o projeto rompe com uma tradição marcada pela patologização, pela violência e pela fetichização desses corpos. Nesse sentido, os retratos e entrevistas produzidos por Gabz404 constituem não apenas um acervo artístico-documental, mas um arquivo vivo de transancestralidade, capaz de preservar histórias, afetos e formas de existência frequentemente apagadas da memória oficial brasileira. Ao aproximar a proposta de uma história trans formulada por Caia Maria das imagens produzidas por Gabz404 no projeto *ser trans*, evidencia-se um deslocamento fundamental na forma de produzir memória, conhecimento e representação sobre as experiências trans. Se, para Caia Maria, a história trans demanda o rompimento com narrativas cisnormativas e a construção de arquivos capazes de reconhecer pessoas trans como sujeitas de sua própria historicidade, as fotografias de Gabz404 materializam esse compromisso ao constituírem um acervo produzido a partir de uma transperspectiva. Ensaio como os de Rapo Oregui M'bya Guarani e Zion Raphael Alves não apenas registram corpos e trajetórias, mas produzem documentos visuais que afirmam existências, afetos, territorialidades e múltiplas formas de ser trans, recusando leituras patologizantes ou exotizantes que historicamente marcaram esses sujeitos. Nesse sentido, o projeto *ser trans* ultrapassa a dimensão estética da fotografia para consolidar-se como um arquivo político e epistemológico, no qual a imagem atua como dispositivo de memória, resistência e produção de conhecimento. Assim, em consonância com a perspectiva de Caia Maria, Gabz404 demonstra que escrever uma história trans também significa produzi-la por meio de imagens, permitindo que pessoas trans deixem de ocupar o lugar de objetos de representação para tornarem-se autoras, curadoras e protagonistas de suas próprias narrativas históricas.

Assim, propostas as registradas aqui evidenciam a urgência de ampliar, na História da Arte e na produção acadêmica, o espaço destinado às epistemologias trans e às narrativas construídas por pessoas trans sobre si mesmas, através da consolidação de uma historiografia

da arte comprometida com a pluralidade de experiências e com a democratização dos regimes de visibilidade e memória.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO, Berenice. **A Reinvenção do Corpo - Sexualidade e Gênero na Experiência Transexual**. 3a ed. /Salvador, BA: Editora Devires, 2017.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. [1] LUSTOSA, Tertuliana. **Manifesto Traveco-Terrorista**. Revista Concinnitas, v. 1, n. 28, p. 384-409, 2016. Disponível em: <https://www.premiopipa.com/wp-content/uploads/2019/03/Manifesto-traveco-terrorista.pdf> . Acesso em 08 maio 2026. PARR, Martin; BADGER, Gerry. **The Photobook: A History**. London: Phaidon, 2014. v. 3.

OUTROS LINKS:

ANTRA, Associação Nacional de Travestis e Transsexuais. **História**. Disponível em: <https://antrabrasil.org/historia/> . Acesso em: 04 maio 2024. CARNEIRO, Júlia Dias. **'Queermuseu', a exposição mais debatida e menos vista dos últimos tempos, reabre no Rio**. Bbc News Brasil. Rio de Janeiro, p. 00-00. 16 ago. 2018. Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45191250> . Acesso em: 04 maio 2026. COUTO, Cecília de Freitas Vieira. FERRAZ, Késsia Nathasha Videres. DIAS, Clovis. ANDRADE, Nilton Pereira de. **O que as experiências com o vagão rosa nos ensinaram até agora**. Universidade Federal da Paraíba Revista dos Transportes Públicos - ANTP - Ano 41 - 2019 - 1o quadrimestre. Disponível em: <https://files.antp.org.br/2019/4/10/rtp151-3.pdf>. **Exposição ser trans - des/identidades e impermanência**. 2023. Disponível em: <https://www.eflcultural.org.br/post/exposi%C3%A7%C3%A3o-ser-trans-des-identidades-e-imperman%C3%A7%C3%A3o> . Acesso em 20 maio 2024. GABZ404. Apoie - **Support**. 2020. Disponível em: <https://gabz404.com/apoie-support> . Acesso em: 28 nov.2025.

GABZ404. **José Luiz**. 2021. Disponível em: <https://gabz404.com/jose-luiz> . Acesso em: 28 nov. 2025.

GABZ404. **Rapo Oregui M'bya Guarani**. 2021. Disponível em: <https://gabz404.com/rapo-oregui> . Acesso em: 28 nov. 2023.

GABZ404. **Zion Raphael Alves**. 2021. Disponível em: <https://gabz404.com/zion-raphael>. Acesso em: 28 nov.2025. MARIA, Caia. **Breve Linha do Tempo**. 2024. Instagram:

@caiacaiacaia. Disponível em:

https://www.instagram.com/p/C5Gq7jALsRC/?img_index=1. Acesso em: 04 maio 2024.**O que é Cultura Ballroom.** (n.d.). Houseofraabe.Alboompro.Com. Disponível em:

<https://houseofraabe.alboompro.com/post/46681-culturaballroom>. Acesso em: 6 junho 2026.MOMBAÇA, Jota. **Pode um cú mestiço falar.** Jan 6, 2015. Acesso em:

<https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mestico-falar-e915ed9c61ee>. VITÓRIA, Maria. **O que é um zine e porque você deve ficar de olho nele?** 2020. Disponível em:

<https://aestranhamente.com/o-que-e-um-zine-e-porque-voce-deve-ficar-de-olho/>. Acesso em: 04 maio 2026.